

Aula 6

TIPOS DE SOCIEDADE

META

Apresentar através de uma “linha do tempo” uma cronologia referente a alguns processos de mudança social.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: ser capaz de distinguir os processos de mudança social e modernização.

PRÉ-REQUISITO

Conhecimentos sobre as teorias clássicas da Sociologia.

José Rodorval Ramalho

INTRODUÇÃO

Uma das principais características das sociedades humanas é a sua profunda diversificação. Esta nos parece ser uma tese consensual. Ao longo da história das civilizações, podemos observar inúmeras formas de organizar o trabalho, desenvolver as crenças religiosas, estruturar as relações familiares, exercer a sexualidade, estabelecer sistemas de trocas de produtos, enfim, de construir socialmente as instituições que garantirão a vida em sociedade.

A diversidade apontada pode ter sido a responsável pela nossa sobrevivência como espécie, pois ao contrário dos outros seres vivos a nossa capacidade de adaptação não dependeria, exclusivamente, da nossa programação genética. Embora não possamos desprezar a nossa aparelhagem física, faz parte da nossa humanidade promover fortes intervenções na nossa corporalidade e no nosso meio para garantirmos a nossa reprodução. Até onde poderíamos estender essas intervenções ainda é uma questão em aberto.



Arqueólogo (Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

SOCIEDADES

Um dos traços característicos da modernidade ocidental é a busca permanente de entendimento do que significa a história das sociedades e dos seus arranjos sociais, políticos, econômicos e culturais. Essa atitude reflexiva pode ter sido desenvolvida em outros momentos históricos e em outras culturas, mas nunca de forma geral e sistemática como a que observamos na cultura moderna. Em função disso, elaboramos vários critérios para classificar e periodizar a história das sociedades, buscando captar algumas

leis gerais a partir de algumas recorrências e similaridades entre culturas e tempos históricos. A seguir, três exemplos dessas classificações.

Karl Marx e vários marxistas periodizam a história das sociedades a partir do que denominam de modo de produção: natureza da propriedade, relações sociais de dominação, nível de desenvolvimento tecnológico das forças produtivas, qualidade e quantidade do excedente da produção e de sua forma de apropriação etc.

Em função disso, os pensadores ligados a essa escola costumam descrever a história das sociedades como a história da luta de classes e da exploração do homem pelo homem, identificando vários modos de produção ao longo da história, sendo eles: a) o comunismo primitivo; b) o escravismo; c) o feudalismo; d) o capitalismo; e) o comunismo.

Outra forma muito comum de periodização da história das sociedades, consagrada em vários livros didáticos, é aquela que divide a história das civilizações a partir de quedas ou ascensões de impérios e dinastias, grandes descobertas, revoluções sociais etc. Assim, teríamos: a) pré-história; b) história antiga; c) história medieval; d) história moderna; e) história contemporânea.

Alguns autores exploram o conceito de macro-revolução histórica como eventos geradores de novos paradigmas econômicos, sociais, culturais e políticos. Em outras palavras, não seria uma mudança na cultura, mas uma mudança de cultura. Nesse sentido, afirmam que só existiram três grandes revoluções na história da humanidade: a) Arcádia – quando os seres humanos ensaiaram suas formas elementares de vida social; b) Agrária – quando ocorreram inovações como a agricultura, pecuária, metalurgia, primeiras formas de Estado etc.; c) Industrial – quando emergiram o individualismo, o trabalho livre, o capital, o estado-nação, a ciência aplicada etc.

É certo que essas e outras periodizações são portadoras de problemas de toda ordem. Há quem afirme que essas leis gerais não existem; que a pluralidade observada na história das culturas não aponta para nenhum sentido homogêneo; que as repetições e similaridades entre os fenômenos são insignificantes diante de tanta diversificação. Além de tudo, essas periodizações e narrativas que elaboramos não passariam de produções etnocêntricas de uma cultura com tendências hegemônicas como é o caso da cultura ocidental.

No rol dessas discussões não podemos esquecer a polêmica, acerca dos universais, que separa em extremos opostos aqueles que afirmam existir uma natureza humana e aqueles que sustentam que os seres humanos são uma tábula rasa, um papel em branco, onde cada grupo escreve o seu texto de acordo com a cultura local. Em favor destes, podemos apresentar as evidências da diversidade cultural na história das sociedades. Mas, em favor dos primeiros – os que afirmam existir uma natureza humana -, poderíamos demonstrar a perenidade de alguns fenômenos, como é o caso da religião que, embora mude de conteúdo, mantém-se em todas as sociedades já observadas. Portanto, os dados ainda estão rolando.

CONCLUSÃO

Seguindo o que manda a tradição ocidental moderna, propomos que continuemos a nossa reflexão sobre os sentidos da vida social, mas usando uma outra tipologia, aquela que propõe a existência de dois grandes momentos na história da humanidade – o tradicional e o moderno.

Essa estratégia pode nos trazer alguns limites interpretativos, mas nos auxiliará a destacar, inclusive por contraste, as profundas mudanças promovidas pelo que chamamos de Modernidade.



RESUMO

Existem várias formas de periodizar a história das civilizações e essa variação se dará de acordo com as opções teórico-metodológicas de cada historiador ou corrente historiográfica. Seguem, dois exemplos: 1) pré-história; história antiga; história medieval; moderna; história contemporânea; 2) Arcádia; Agrária; Industrial. Exploraremos outra possibilidade – a periodização da história a partir dos conceitos de sociedades tradicionais e sociedades modernas.



ATIVIDADES

1. Qual a forma de periodização da história com a qual você está familiarizado?
2. Quais as principais mudanças na história das civilizações?
3. A que você atribui a diversidade cultural ao longo da história?
4. O ser humano é uma tábula rasa ou existiria uma natureza humana?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Consulte os seus livros e cadernos escolares para lembrar quais as periodizações que lhes foram ensinadas.
2. Procure observar as tecnologias, os comportamentos, os valores, as religiões etc.

3. Cada cultura é uma tentativa de adaptação ao meio em que se vive e uma resposta – material ou simbólica – aos desafios e demandas de cada população.
4. Nosso grupo social escreve um “texto” nos seus membros, mas algumas características parecem não depender do nosso grupo.

ENSINAMENTOS DA HISTÓRIA

Olavo de Carvalho

1. Não há uma linha integral da história humana, mas vários desenvolvimentos independentes, irredutíveis a uma narrativa comum exceto como artifício literário ou como teoria metafísica. A espécie humana só tem unidade biológica, não histórica. A “história universal” tomada como unidade é uma construção imaginária erguida desde o pressuposto de um observador onisciente que ou é Deus – supondo-se que o historiador O tenha consultado a respeito – ou é uma fantasia megalômana de historiador.
2. Se não há linha nenhuma, muito menos há uma linha predeterminada, comprometida a levar a um resultado previsto.
3. Não há um “sentido” da História, mas vários sentidos entrecruzados, documentados pelas auto-explicações fornecidas pelas várias culturas e civilizações. A filosofia da História e a própria ciência histórica não são senão mais duas dentre as inúmeras estruturas de sentido que vão surgindo ao longo dos tempos conforme o esforço humano de encontrar um nexos inteligível na experiência da vida.
4. Ninguém sabe como ou quando a História vai terminar, portanto toda tentativa de apreender “o” sentido da História acaba instituindo um fim imaginário, após o qual a História prossegue imperturbavelmente.
5. Em contraste com isso, as verdadeiras estruturas de sentido, que criaram e sustentaram civilizações inteiras, não remetem a um fim imaginário, mas ao supratempo, ou eternidade. Só a eternidade dá sentido ao tempo: isto não é uma opinião minha, mas o único ponto em que todas as civilizações sempre estiveram de acordo.

REFERÊNCIAS

- ARUDA, José Jobson de Andrade. **Atlas Histórico Básico**. São Paulo: Ática, 1996.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DEMO, Pedro. **Introdução à Sociologia – complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social**. São Paulo: Atlas, 2002.
- MELLO E SOUZA, Nélon de. **Modernidade – a estratégia do abismo**. Campinas: Unicamp, 1999.